Procedimento para análise gráfica em materiais digitais de redes sociais sobre DIU de cobre

Procedure for graphic analysis in digital materials of social networks on copper IUD

WINKELMANN, Caroline; Bacharel; Universidade Positivo

carolwnk@gmail.com

ANDRADE, Rafael de Castro; Mestre; Universidade Positivo

ancara@gmail.com

Resumo

O documento apresenta o procedimento utilizado para análise de materiais gráficos estáticos sobre DIU de cobre nas redes sociais brasileiras, em especial materiais que são produzidos por não-designers, para a monografia “Acesso à informação sobre DIU de cobre: uma análise de material gráfico online”. O protocolo de análise desenvolvido buscou reconhecer e compreender estas manifestações espontâneas de material gráfico para divulgação de informações sobre o dispositivo intrauterino, em todas suas camadas de compreensão, da sintática à relação com usuários. Neste artigo os autores e etapas da análise do objeto serão o exposto com fim de apresentar o protocolo determinado pelos autores para cumprimento dos objetivos da monografia.

Palavras Chave: saúde da mulher; design da informação; DIU de cobre.

Abstract

The document presents the procedure used for the analysis of static graphic materials on copper IUD in Brazilian social networks, especially materials that are produced by non-designers, for the monography "Access to information on copper IUDs: an analysis of online graphic material". The protocol of analysis developed sought to recognize and understand these spontaneous manifestations of graphic material for dissemination of information about the intrauterine device, in all its layers of understanding, from the syntactic to the relationship with users. In this article the authors and stages of the analysis of the object will be exposed in order to present the protocol determined by the authors to fulfill the objectives of the monograph.

Keywords: women's health; information design; copper IUD.

1 Introdução

O presente artigo apresenta a composição do protocolo de análise gráfica de materiais gráficos sobre DIU de cobre divulgados em redes sociais. Este protocolo foi elaborado no contexto da monografia de conclusão de curso Design – Projeto Visual, apresentada em 2017 pela autora para Universidade Positivo, em Curitiba. A proposta da monografia era o reconhecimento do caráter informativo de peças gráficas online, divulgadas e criadas por não-especialistas em design, usadas de apoio para comunicar informações sobre o DIU de cobre. Sendo assim o protocolo de análise foi elaborado sob o viés do design da informação.

2 Revisão bibliográfica

2.1 Linguagem gráfica de Michael Twyman

Twyman se dedicou a estudar questões de linguagem voltadas para o design gráfico motivado pela ideia, de que a linguística não apurava a linguagem gráfica ao esquematizar a divisão da linguagem, considerando apenas a linguagem verbal, enquanto designers consideravam a verbal e pictórica (TWYMAN, 1985). Como designers, tipógrafos e linguistas se interessam por linguagens, seria interessante a proposta de um esquema que comportasse todas as linguagens e não gerasse conflitos entre as áreas (TWYMAN, 1985). O autor então propõe um modo de organização da linguagem, considerando os canais visual e auditivo, os quais se desdobram nos seguintes modos de simbolização: verbal e não-verbal no canal auditivo e não-gráfico, gráfico verbal, gráfico pictórico e gráfico esquemático, como pode ser visto na figura 1.

Figura 1: Esquema da linguagem Twyman (1985)

Fonte: elaboração da autora, baseado em Twyman (1985)

Twyman (1985) defende que a intenção desta proposta é mostrar a complexidade da comunicação visual, e sugere oito variáveis para compreensão da operacionalização da linguagem gráfica, sendo elas:

1. **Propósito:** se é uma imagem que procura informar ou persuadir;
2. **Conteúdo informacional:** essência da informação ou informação a ser passada;
3. **Configuração:** de que diferentes formas os objetos gráficos podem ser organizados dentro da imagem;
4. **Modo:** se é este verbal, pictórico ou esquemático, ou ainda uma mistura de dois ou mais destes modos;
5. **Meios de produção:** seja produzido à mão ou por computador;
6. **Recursos:** tempo, habilidades do executor da imagem, custo;
7. **Usuários:** deve-se levar em consideração fatores como idade, educação, interesses, experiências anteriores;
8. **Circunstância do uso:** se, por exemplo, o usuário estará em uma biblioteca bem equipada ou em sob estresse, como num carro em movimento.

Em um trabalho anterior (TWYMAN, 1979) o autor propõe uma matriz (figura 2) a qual busca abordar todas as variações da linguagem gráfica, e sendo todos nós consumidores e criadores de linguagem gráfica em algum nível (TWYMAN, 1979), é relevante a categorização de todas as formas que a comunicação visual pode tomar para podermos melhor entendê-la.

Figura 2: Esquema em matriz de Twyman (1979)

		MODOS DE CONFIGURAÇÃO						
		Linear puro	Linear interrompido	Lista	Linear ramificado	Matriz	Não linear dirigido	Não linear aberto
MODOS DE SIMBOLIZAÇÃO	Verbal numérico	1	2	3	4	5	6	7
	Pictórico e Verbal numérico	8	9	10	11	12	13	14
	Pictórico	15	16	17	18	19	20	21
	Esquemático	22	23	24	25	26	27	28

Fonte: elaboração da autora a partir do modelo de Twyman (1979).

Sendo assim, a matriz é constituída da seguinte maneira:

Modos de Simbolização

Tipo de comunicação da imagem, seja número, palavra, imagens pictóricas ou esquemáticas.

- **Verbal numérico:** palavras e/ou números;
- **Pictórico e Verbal numérico:** imagens pictóricas com números e/ou palavras;
- **Pictórico:** imagens pictóricas, incluindo fotografia e desenhos de qualquer estilo;
- **Esquemático:** gráficos e o que mais não for verbal ou pictórico.

Modos de Configuração

A maneira como a informação foi organizada na imagem, seja um esquema, tabela, linear, entre outros. O autor deixa claro que estas classificações não são taxonomia para linguagem gráfica, principalmente por existirem imagens híbridas, tendo características de mais de uma célula proposta, ou por existirem também imagens que não serão facilmente alocadas dentro destas classificações. A intenção é gerar uma maneira de *refletir* sobre objetos gráficos e suas diversas configurações, tratando-se ainda de um esquema que engloba expressões gráficas de especialistas e não-especialistas no uso da linguagem gráfica, sendo esta matriz uma ferramenta útil na revisão empírica em pesquisas de campo sobre linguagem gráfica (TWYMAN, 1979).

2.2 Níveis semióticos de imagem por Evelyn Goldsmith

Com a certeza do apoio que imagens podem ter no processo de aprendizagem, Goldsmith (1978) escreve em sua tese elementos que podem auxiliar no entendimento de objetos gráficos por si só, para ser usada de apoio por designers, estudantes, ilustradores, e demais profissionais de áreas afins. Primeiro a autora afirma que a imagem possui três níveis de compreensão, conceito similar e proposto a partir da semiótica de William Morris, sendo estes níveis assim descritos:

1. Resposta aos sinais gráficos como uma imagem ou conjunto de imagens.
2. Resposta ao significado da imagem que o artista propôs transparecer.
3. Resposta ao significado de acordo com o repertório e julgamento pessoal do observador.

A autora ainda salienta posteriormente como a bagagem cultural e desenvolvimento do observador podem influenciar no entendimento deste de uma imagem, sem desconsiderar que os níveis de compreensão são interdependentes (Goldsmith, 1978).

Os aspectos propostos pela autora para observação de uma imagem nos três níveis semióticos da imagem são os seguintes:

- **Unidade** - Se refere a qualquer área da imagem que possa ser reconhecida como um objeto único, se bastando em si mesmo.
- **Local** - A relação espacial entre objetos dentro da imagem, se estão paralelos, se sobrepõem, se estão listados, textura, clareza, distâncias, distribuição, etc.
- **Ênfase** - Relação entre objetos dentro da imagem, porém a relação hierárquica dentre eles, qual tem destaque, qual hierarquia da informação.
- **Paralelo Textual** - Se a imagem está de acordo com o texto que a acompanha, sendo ambos complementares um ao outro.

Um ponto interessante do sistema de Evelyn Goldsmith, é ter sido criado sobre uma classificação visando a linguagem verbal, da semiótica de Morris, mas ainda se revela muito pontual às questões do design gráfico (LIMA, 2009), mostrando que a utilização dos três níveis semióticos de William Morris colabora com observação de imagens e da comunicação visual desde a mera criação básica de cores e disposição dos objetos até a relação que o observador terá com a imagem.

O relevante aqui é notar como tanto Goldsmith (1978) quanto Twyman (1979,1985) trataram em suas obras da comunicação visual como uma forma legítima de linguagem da qual o ser humano pode se apropriar, aproximando a área do design gráfico da semiótica e, até, da linguística.

3 Procedimento metodológico

3.1 Composição do protocolo

O design gráfico comunica com a materialização de mensagens em signos, textos e produtos, apoderando-se destas mensagens para torná-la clara ao receptor (FREIRE; OLIVEIRA, 2015), e, considerando isto, o estudo de como comunicar visualmente para um receptor abre espaço para o estudo também do impacto do material gráfico para o receptor. A contextualização do objeto também se mostra importante quando pensamos não só na eficiência de um material gráfico informativo, mas também na sua eficácia. Spinillo (2016), em sua aula de Linguagem Visual, elenca razões pelas quais a comunicação visual é considerada uma linguagem, como a possibilidade de se analisar linguisticamente uma imagem: “a análise da linguagem visual também pode ser feita nos níveis sintático, semântico e pragmático. Entretanto, ela possui propriedades distintas da linguagem natural das palavras e das linguagens puramente artísticas” (SPINILLO, 2016, p. 1) além de ser uma linguagem, que como qualquer outra, deve ser de uso de uma comunidade, ela não se constrói sozinha, e nesses dois pontos se suportam também os objetos a serem analisados.

Com esta abordagem e com base nos dois autores citados no item 2, foi então construído um protocolo de análise usado em 26 materiais coletados de três fontes principais: grupos de mulheres na rede social Facebook, perfis abertos de médicos que fazem divulgação científica nas redes sociais Facebook e Instagram, e na página do Ministério da Saúde na rede social Facebook.

Figura 3: amostra de peça gráfica coletada para análise.

Fonte: grupo do Facebook "DIU de cobre [Oficial]" (acesso restrito).

Após uma primeira etapa de análise com base nos dois autores supracitados, foi feita uma etapa de campo, com uso de um questionário sobre cinco das peças coletadas sendo analisadas desta vez pelas próprias usuárias - ou seja, mulheres interessadas no uso e funcionamento do DIU de cobre. Com estas duas etapas se objetivou esmiuçar a confiabilidade, eficácia e efetividade, e impacto dos materiais gráficos para informação sobre o método feitos por não-designers em comparação com os materiais disponibilizados pela página do Ministério da Saúde.

Figura 4: amostra de imagem coletada para análise.

Fonte: página oficial no Facebook do Ministério da Saúde, postado em 21 de março de 2017. Acesso em: <https://www.facebook.com/minsaude/photos/a.205936522758305.51623.175330465818911/1540080632677214/?type=3&theater>

3.2 Contribuições dos autores para o protocolo de análise

A escolha dos autores aqui resumidos não foi incerta, dos teóricos pesquisados e lidos,

dentre os artigos similares estudados, estes foram os autores que mais puderam contribuir com o protocolo. Primeiramente, o protocolo intencionava usar da teoria da Gestalt e de Yuri Engelhardt (2001) para sua base, porém ao ser feita a análise piloto usando o modelo mais sintático que se conseguiu com este autor e Gestalt, percebeu-se que não seria este o caminho, tendo em vista que o viés da pesquisa exigia um parecer mais linguístico, e mais próximo das usuárias.

O protocolo tomou novas formas ao se delimitar a escolha de Goldsmith como base para a análise inicial, sem deixar de unir o pensamento de que imagem é um tipo de linguagem – com Twyman – a postura inovadora de Goldsmith de usar de semiótica para analisar imagem foi então a maneira encontrada de se prosseguir na pesquisa. Ao pensar uma peça gráfica como um veículo de comunicação, a linguagem pictórica, com Twyman, é natural analisá-la como aspectos vindos da semiótica, com Goldsmith, afinal, estas peças também são ferramenta de comunicação visual, que devem ser reconhecidas.

Goldsmith, tão aclamada no protocolo de análise desta pesquisa, e inclusive elogiada no texto de 1985 de Twyman, mostra um sistema de análise e investigação de imagem nos três níveis semióticos de compreensão que, enquanto relativamente modesta ao lado de outros autores, norteia bem a leitura para níveis além do sintático e semântico – difícil objetivo desta pesquisa –, sendo um ótimo ponto de partida para primeira análise das peças gráficas isoladas. Já Twyman, além da essencial colaboração em destacar a linguagem gráfica ao lado de outros tipos de linguagem, se mostrou relevante para categorização das peças coletadas, tendo em vista que o autor desenvolveu um esquema de categorização que abrange inúmeros tipos de configuração da informação, dando o pontapé inicial da análise, identificando o “o que é?”, que apesar de não ser o mais relevante da pesquisa também é necessário para o reconhecimento das manifestações gráficas sendo desenvolvidas pelas mulheres não-designers, além, de claro, colaborar com a própria organização do trabalho.

3.3 Descrição do protocolo de análise

Tendo em vista que o propósito dessa pesquisa foi o reconhecimento das imagens produzidas sobre DIU de cobre online, com destaque para as produzidas por não-designers, a estratégia de reconhecimento e estudo se dá em três pontos: o que é isto? O que diz isto? O que significa isto? O protocolo de análise foi desenvolvido com base no modelo de leitura sugerido por Goldsmith em *“Comprehensibility of illustration - an analytical model”*, porém com acréscimos de etapas buscando a visão mais completa possível das peças gráficas deste estudo. Da categorização, análise sintática, semântica e, até dentro das possibilidades, tendo em vista ser um nível de leitura subjetivo, observação pragmática, para se reconhecer com totalidade as imagens geradas por não-designers e as relações destas imagens não-especializadas com observadores.

Estas duas primeiras partes são da etapa analítica, tendo então uma etapa de campo juntamente, onde se teve, por fim, o contato das peças com usuárias reais para apuração relativa das leituras que usuárias fazem das peças gráficas e sua confiança nas informações repassadas.

Etapa Analítica – parte 1:

Categorizar de acordo com Twyman (1979), para classificação primária do tipo de peça gráfica sendo analisada. O objetivo desta etapa é, em um primeiro contato inicial, entender o que é a imagem a ser analisada.

Etapa Analítica – parte 2:

Análise proposta por Evelyn Goldsmith a partir dos três níveis semióticos de William Morris, para análise sintática e semântica já visando também a análise pragmática. O objetivo desta etapa é examinar como a peça gráfica em questão é vista em seus três níveis de compreensão pelo observador. Estes níveis podem ser visualizados no quadro 1.

Quadro 1 – Níveis semióticos propostos por Goldsmith (1978)

Aspectos sintáticos	Aspectos semânticos	Aspectos pragmáticos
Unidade Sintática	Unidade Semântica	Unidade Pragmática
Localização Sintática	Localização Semântica	Localização Pragmática
Ênfase Sintática	Ênfase Semântica	Ênfase Pragmática
Paralelo Textual Sintático	Paralelo Textual Semântico	Paralelo Textual Pragmático

Fonte: os autores

3.4 Análise piloto

A seguir será apresentada uma análise piloto utilizando o protocolo. Na figura 3 temos um *card* veiculado na rede social Facebook o qual contém informações sobre a bula do DIU.

Figura 5 – Material gráfico analisado

Fonte: grupo do Facebook “DIU de cobre [Oficial]”. Acesso restrito.

Parte 1:

Híbrido - Matriz Verbal Numérico + Linear Puro Esquemático

Parte 2:

Aspectos Sintáticos

Unidade Sintática

Tabela com fundo colorido, título em destaque com outra cor de fundo.

Local Sintático

Tabela e título dispostos cada um sobre um fundo colorido, informações relevantes colocadas acima e abaixo da tabela da imagem.

Ênfase Sintática

Uso de cores contrastantes, fontes em clara hierarquia de informação pelas diferenças nos pesos usados.

Paralelo Textual Sintático

Posicionamento de acordo com a rede social, estando comumente a imagem abaixo do corpo do texto dentro do grupo.

Aspectos Semânticos

Unidade Semântica

Tabela com dados sobre expulsão, sangramento e falha do DIU de cobre bem identificável sobre fundo de destaque, com reafirmação verbal do conteúdo da tabela acima. Local Semântico Possível confusão do termo “expulsão” descontextualizado da bula, pois facilmente é confundido com “deslocamento” do DIU, quando são coisas diferentes, sendo o deslocamento irrelevante para a eficácia do dispositivo enquanto a expulsão afeta sua eficácia.

Ênfase Semântica

Atratividade para a tabela e seu conteúdo com reforço de cor e texto verbal chamativo.

Paralelo Textual Semântico

Neste caso, a tabela foi extraída da bula do DIU modelo T380A, mas ela sozinha não perdeu seu significado com o apoio do título da imagem.

Aspectos pragmáticos

Unidade Pragmática - Não se aplica.

Local Pragmático - Não se aplica

Ênfase Pragmática

Possivelmente a ênfase pragmática se dê na medida que taxa de expulsão, de gravidez e de sangramento com o DIU de cobre são dúvidas frequentes.

Paralelo Textual Pragmático

Imagem feita para destacar a tabela presente na bula do DIU modelo T380A na tentativa de ressaltar que as taxas de sangramento, expulsão e taxa de falha (gravidez) que são dúvidas comuns de mulheres que se interessam pelo DIU.

Figura 6: exemplar de ficha de análise da etapa analítica, comportando as informações de cada peça gráfica, sua categorização de acordo com Twyman, e análise com base em Goldsmith.

ETAPA ANALÍTICA		OBJETO 01/26
		FONTE: grupo FB "DIU de cobre"
<p> Híbrido - Matriz / Verbal Numérico + Linear Puro / Esquemático</p>		
<p> NÍVEL SINTÁTICO</p> <p>Unidade Tabela com fundo colorido, título em destaque com outra cor de fundo.</p> <p>Local Tabela e título dispostos cada um sobre um fundo colorido, informações relevantes colocadas acima e abaixo da tabela da imagem.</p> <p>Ênfase Uso de cores contrastantes, fontes em clara hierarquia de informação pelas diferenças nos pesos usados.</p> <p>Paralelo Textual Posicionamento de acordo com a rede social, estando comumente a imagem abaixo do corpo do texto dentro do grupo.</p>	<p>NÍVEL SEMÂNTICO</p> <p>Unidade Tabela com dados sobre expulsão, sangramento e falha do DIU de cobre bem identificável sobre fundo de destaque, com reafirmação verbal do conteúdo da tabela acima.</p> <p>Local Possível confusão do termo "expulsão" descontextualizado da bula, pois facilmente é confundido com "deslocamento" do DIU, quando são coisas diferentes, sendo o deslocamento irrelevante para a eficácia do dispositivo enquanto a expulsão afeta sua eficácia.</p> <p>Ênfase Atratividade para a tabela e seu conteúdo com reforço de cor e texto verbal chamativo.</p> <p>Paralelo Textual Neste caso, a tabela foi extraída da bula do DIU modelo T380A, mas ela sozinha não perdeu seu significado com o apoio do título da imagem.</p>	<p>NÍVEL PRAGMÁTICO</p> <p>Unidade Não se aplica.</p> <p>Local Não se aplica.</p> <p>Ênfase Possivelmente a ênfase pragmática se dê na medida que taxa de expulsão, de gravidez e de sangramento com o DIU de cobre são dúvidas frequentes.</p> <p>Paralelo Textual Imagem feita para destacar a tabela presente na bula do DIU modelo T380A na tentativa de ressaltar que as taxas de sangramento, expulsão e taxa de falha (gravidez) que são dúvidas comuns de mulheres que se interessam pelo DIU.</p>

Fonte: elaboração da autora.

4 Considerações Finais

Após as análises das peças de fonte não-oficial (grupos de Facebook e perfis médicos), percebeu-se duas recorrências: as peças gráficas em sua maioria foram catalogadas na célula 13 da tabela de Twyman (1979), e com frequência também os maiores ruídos e "erros" das peças se encontravam em nível semântico de compreensão, seguindo pela análise de Goldsmith (1978). Há possibilidade aqui, obviamente, do nível semântico possuir tantos ruídos por consequência de falhas em nível sintático, sendo estes dois interligados, onde, caso a pessoa que produziu a peça não saiba, por exemplo, fazer uma escolha adequada de cores, acabando assim por causar ruídos em nível semântico por falta de contraste.

O interessante em se notar que, das 26 peças, 14 se enquadram total ou parcialmente na categoria "Pictórico e Verbal numérico / Não linear dirigido" é o fato desta célula, de acordo com o próprio Twyman (1979), ser a categoria que costuma ser acertada pela publicidade e até por alguns impressos jornalísticos.

Relembrando a anterior colocação neste próprio documento, se faz presente também um indício da habilidade inerente de cada um em se comunicar com imagens, habilidade esta que infelizmente pode ficar subdesenvolvida para quem não se especializa ou estuda em áreas afins. No caso de quem usa da linguagem gráfica para comunicar mesmo não tendo aí sua área de especialização, o que se percebeu, com esta nota, é a comunicação similar ao que provavelmente o produtor da imagem tem de maior referência em seu dia-a-dia, no caso as propagandas e peças jornalísticas. Ainda que a informação a ser transmitida fosse uma informação científica e a intenção e contexto sugerisse seriedade, o formato se assemelha a peças de propaganda.

O uso deste protocolo se afirmou em autores clássicos por serem os que abordam a comunicação gráfica como uma linguagem legítima, aproximando o Design da Linguística, dando a possibilidade de se analisar e observar os objetos de estudo como uma manifestação de seres comunicantes – os médicos e mulheres que produzem este tipo de material *online* – e não só como peças gráficas, isoladas de seu contexto. Esta abordagem também possibilitou que o estudo fosse realizado considerando a peça gráfica e suas relações com usuárias e o meio onde são divulgadas, sendo isto feito não só através da própria construção do protocolo com base em Goldsmith (1978), que salienta já em nível pragmático este aspecto, mas com a investigação posterior deste nível diretamente com mulheres interessadas em informações sobre DIU de cobre. Etapa esta não relatada neste artigo, porém também presente na monografia abordada, que teve inspiração direta nos autores resumidos.

Dito isto, o protocolo aqui apresentado se provou eficiente no cumprimento do objetivo de analisar materiais gráficos veiculados em redes sociais, entregando resultados da maneira que se pretendia e com *insights* relevantes para construção de posteriores etapas da monografia.

5 Referências

FREIRE, Karine de Mello; OLIVEIRA, Carlo Marcelo Miolo. A criação de estratégia de comunicação para prevenção em saúde através do design centrado no ser humano. **InfoDesign – Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 12, n. 3, p. 302-317, 2015.

GOLDSMITH, Evelyn, Comprehensibility of Illustration – an analytical model. **Information design Journal**. p. 204-213, 1980.

LIMA, Ricardo Oliveira da Cunha. **Análise da infografia jornalística**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

SPINILLO, Carla G. Introdução a design da informação: aula de linguagem gráfica. Curitiba: UFPR, 2016. Color.

TWYMAN, Michael. **A Schema for the Study of Graphic Language**. KOLERS, P.A. & WROSTAD, M.E. & BOUMA, H. (Eds.), In: *The Processing of Visible Language*, vol. 1, Plenum, New York, pp. 117–150. 1979.

TWYMAN, Michael, Using pictorial language: a discussion of the dimensions of the problem. In T. M. Dufty and R. Waller (eds.) **Designing usable texts**. Orlando, Florida: Academic Press, p. 245-312. 1985.